

Francisco – santo e “louco”

O Evangelho fala para pessoas, cuja sabedoria não é presunção intelectual e cuja prudência não se confunde com esperteza egoísta. De um modo paradoxo eles são “de menor”, porque não são daqueles que falam muito, mas daqueles que tornam o mundo mais humano. O Evangelista Mateus (11, 30) nos transmitiu aquela oração filial ao seu Pai que nos fala da “leveza do ser” que é um espinho na carne para todos os fanáticos que querem melhorar o mundo: “O meu jugo não oprime, meu peso é leve!” Mas a gente se pergunta: O que isto tem a ver com São Francisco e conosco?

Aí está a fascinação inquebrantável que provem de Francisco. O poverello, o irmão menor, é um “grande” entre os homens. O nome de Assis para sempre está ligado a ele e ele com a cidade. E aí está o mistério e o segredo desta vida que conhecemos; ele só se desvela quando se abre a cortina: seja no estudo da história, seja na meditação de sua vida, seja no encontro com ele mesmo por cima do fosso de espaço e tempo. A fascinação que dele provem permanece até hoje, dia de sua morte há 788 anos. Já então as pessoas acreditavam que nele o Cristo havia voltado para a terra. Talvez o acesso a este santo misterioso seja nos dado pela imagem que G. K. Chesterton apresenta no seu livro sobre Francisco, editado em 1959. Ele compara a mudança na vida de Francisco com o salto de dança do “Palhaço de Nossa Senhora” que viu o mundo literalmente “pendente”. Sim, tudo depende de Deus; nada precisa sustentar-se por si mesmo. Deus mantém tudo. Às vezes intuimos, às vezes esperamos que seja assim, mas nunca nos sentimos bem com o mundo de cabeça para baixo.

Francisco se tornou uma nova criatura, quando seguiu aquele que no sonho em Spoleto lhe perguntou: “Quem lhe pode dar mais, o servo ou o Senhor?” Sua resposta foi lógica: “É o Senhor!” A presumida pergunta seguinte só podia ser: “E porque segues ao servo?” De ali em diante ele já não cabia na armadura do cavaleiro. Também não serviam

mais os tecidos finos que o pai dele vendia para a burguesia. Até a batina rala que então vestia era demais: na morte ficou despido como tinha nascido, nova criatura, irmão de todos. Para ele não havia mais status e classes, nem senhores e servos, nem escravos e livres. Para ele só havia irmãos e irmãs.

Com a cruz na mão ele foi até os islâmicos em 1219. Este sinal não era sem perigo neste tempo de 200 anos de cruzadas. Mas o seu “gloriar-se da cruz” era o contrário da arrogância que incitava as massas beligerantes com o grito “Deus quer assim!” O que Deus quer é paz e misericórdia: esta é a linguagem que todo mundo entende. Isto vale também hoje para cristãos e islâmicos, para crentes e não-crentes. Para pensar assim, ainda hoje devemos fazer nossos saltos, sem ter medo de ferir-nos. Para Francisco, as feridas eram as janelas de sua alma.

A gente realmente deve ser um “louco” para dar saltos e pensar que toda gente, amigos e inimigos, são filhos e filhas de um só Deus. “Loucura” esta que nos tira fora das coordenadas costumeiras do pensar, do sentir e dos desejos inveterados de posse e poder, da vontade de aproveitar-se dos outros em favor de si e dos próprios interesses. Francisco era um louco e alguém “de menor” no uso da palavra que costuma esconder os pensamentos: ele não queria mentir. Consigo mesmo falava com muita dureza – o que mais tarde lamentou também – nisto também ele foi um aprendiz. Com outros falava com muita doçura. Ele sabia que a sua regra de vida não podia estar acima do evangelho e de Jesus Cristo. Este não veio para tornar os justos ainda mais justos, levando-os a uma justiça que vem do seu esforço. É de Chesterton esta palavra: Para sermos ascetas nos falta o espírito brincalhão. – Talvez seja isto que falta aos seguidores de Francisco: é o riso dos redimidos que dá esperança ao mundo e não o peso de regras e regimes que em última análise pretendem a salvação pelo próprio esforço. Faz um salto e verás de quem tudo depende.

Hadrian W. Koch OFM

África

Nairobi

Mensagem franciscana para África

Uma ponte que liga diferenças tradicionais, culturais, sociais, econômicas e políticas – Seminário internacional de CCFMC em Nairobi nos dias 7 a 12 de setembro de 2014

O início do movimento franciscano foi uma virada na igreja católica. “Reconstrui a minha igreja que está para cair”. Uma volta para as origens de Jesus que viveu pobremente em Nazaré. A imagem do Deus que desceu e se humilhou, o Deus que se criou em Nazaré: esta imagem era para ser experimentada. Francisco e Clara iniciaram um movimento que até hoje se renova.

Para fazer com que esta força chegue a brilhar em nossos dias, devemos trazer à tona nossa rica história. Sabendo dos desafios do nosso tempo, temos que redescobrir e reinterpretar nosso genuíno carisma missionário. Este era o tema do encontro de 5 dias no centro de Porciúncula em Nairobi, do qual participaram irmãs e irmãos da Etiópia, Ruanda, Burundi, do Kongo e da Quênia. Foi uma introdução no curso básico do Carisma Franciscano Missionário do CCFMC. Frei Andreas Mueller de



Wuerzburg acompanhou o encontro, ele que é um dos iniciadores deste curso de renovação franciscana. Os presentes deixaram se enriquecer com sua rica experiência. O grupo tinha escolhido como tema: Cristianismo como religião de encarnação, (Lição N° 1) Francisco e sua opção pelos pobres, (Lição N° 19) e a Unidade de Missão e Contemplação (Lição N° 10)

Em resumo as lições do Encontro:

1. Encarnação de Deus

Tinha se perdido de vista o Deus humilde, descido até as profundezas da vida humana. Ele não cabia dentro da igreja feudal e ávida de poder de 800 anos atrás. Francisco de Assis redescobriu o Deus pobre e humilde que deixa para traz todo brilho. Deus é amor, bondade e misericórdia. Ele não veio para dominar e sim para servir. Francisco nos diz que devemos acolher o amor de Deus, carregá-lo em nós para dá-lo à luz de novo para o mundo. Pois é só pelo agir que acontece o parto de Deus no mundo. Esta é a tarefa permanente para toda família franciscana.

2. Opção pelos pobres

Pobreza é o tema dominante pelos séculos afora. Hoje mais do que nunca. Ser pobre não é só não ter dinheiro para as necessidades básicas. É pobre quem não tem voz, nem educação, moradores de favelas, portadores de deficiência, meninos de rua, os fugitivos e sem-pátria. As causas são desigualdade de chances entre cidade e campo, descompasso nos direitos sociais e culturais,

sistemas capitalistas que levam a uma distribuição dos bens em visível desigualdade e que fazem dos pobres vítimas fáceis de abusos e doenças. Em muitos países da África existe infraestrutura deficiente que é causada principalmente pela corrupção. Junta-se a isto decadência moral em forma de abuso sexual, exploração e comercio de pessoas que visa crianças e mulheres. Os pobres são vítimas de criminalidade, violência e abuso de drogas.

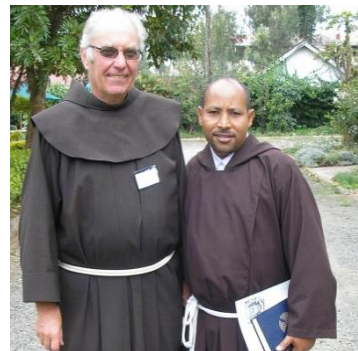
3. Missão e contemplação

Cada povo e cada cultura tem sua forma própria de oração e acesso a Deus. O Africanos p. ex. gosta de orar com canto, ritmo e dança. Para contemplar não precisamos de muros que nos cercam. Adoramos no coração que é onde Ele habita. Assim seremos capazes de levar ao povo o Deus que liberta e ama, o Deus da alegria e da paz. Jesus é o exemplo de quem ora e labora. No seu cântico do Sol, Francisco entoava um grandioso louvor da boníssima criação de Deus. Clara ensina que oração e entrega de si são inseparáveis. Nosso exemplo é Maria que tudo medita em seu coração.

Adoração, eucaristia e confissão são caminhos para uma vida unida a Deus. Mas não se podem dispensar os valores franciscanos de alegria e paz, de amor e hospitalidade. Também as obras da misericórdia nos aproximam de Cristo e nos tornam capazes de servir ao pobre em nosso meio, dando testemunho do Cristo misericordioso em nosso meio.

Vamos em frente

Os participantes estavam de acordo que os franciscanos devem sair do seu canto de aconchego. É preciso acordar para se tornar a voz dos que não têm voz, inclusive nos novos meios de comunicação. É preciso defender nossa Mãe Terra por meio de um desenvolvimento sustentável, pela luta contra a poluição, pelo reflorestamento, reanimando o povo em defesa do meio ambiente. Com projetos assumidos por toda Família Franciscana poderíamos tornar-nos os defensores dos pobres. Novas formas de evangelização como música, dança, teatro e filme, poesia e pintura poderiam enriquecer a nossa missão.



Francisco e Clara, rogai por nós em nossos esforços.

Ásia

Hong-Kong

Seminário do CCFMC para Amigos de Francisco e Clara

Uma introdução na temática do CCFMC encontrou vivo interesse. No dia 6 de julho 16 participantes se encontraram neste evento que teve como animadoras a Sr. Nancy, junto com o casal Melba Mascarenhas e Agnelo Mascarenhas.

Para este grupo de iniciantes, é claro que a figura de Francisco estava no foco do interesse: seus ideais e suas metas, suas visões de Deus e sua



espiritualidade, de modo especial sua conversão, quando rezava na igreja de São Damião, e o Crucificado lhe ordenou: Reconstrói a minha igreja. Outro tema foi: “Francisco que não tem igual” – “Descobrir a vontade divina em nossa vida”, que trata do distanciamento de Francisco do seu pai e da renúncia dos bens da terra, ocasião em que Francisco trocou sua vida mundana por uma vida evangélica na pobreza.

O tema da Vontade Divina em nossa vida achou grande eco. Na discussão foi dito entre outras coisas: A certeza de que Deus está ao nosso lado nos há de dar confiança. A vontade divina se encontra na oração e também, quando se leem os sinais do tempo sob a inspiração do Espírito.

Myanmar

Ir. Josefina relata das atividades do CCFMC desde 2010

Ir. Josefina Vallenge FFM e sua coirmã Mary Zintung participaram do seminário do CCFMC em outubro de 2010 na cidade de Karakutty na Índia. Numa carta dirigida ao Centro do CCFMC de Wuerzburg Josefina conta como foi grande o efeito deste encontro para sua vida pessoal e o seu engajamento no Myanmar.



“Neste seminário foi a primeira vez que encontrei franciscanos de diversos países e nacionalidades. A base das palestras foram as 25 lições do CCFMC. Foi uma experiência bela e enriquecedora. Em pequenos grupos tivemos discussões, trocas de experiência e outras atividades. Depois de participar deste encontro vivo muito melhor o meu dia-a-dia. Conheci muita coisa nova sobre Francisco e sua espiritualidade, coisas que eu jamais havia ouvido. Por isto resolvi propagar o espírito franciscano em Myanmar. Aqui existem três ramos da Família: OFM, FFM e FSAG.

Em novembro de 2010 relatei sobre o CCFMC no capítulo provincial da FFM. No mês de março falei do assunto com Fr. Augustine OFM, sacerdote indiano, sobre como o CCFMC poderia se tornar realidade na nossa paróquia de Rangum. Tivemos três encontros e no quarto estava presente o Arcebispo Charles Bo. Ele se alegrou muito de ouvir do CCFMC e nos animou em nossa iniciativa. No mês de maio de 2012 eu escrevi ao Definidor frei Pascalis Syukur. Este me garantiu que frei Soosai Ray ia me apoiar. Assim começamos a falar de Francisco e Clara num pequeno grupo que se encontrava aos domingos.

Em outubro de 2012 participei do seminário internacional do CCFMC em Malásia. Foi ali que recebi as 25 lições em língua inglesa. Assim pudemos passar as lições para todos os membros do nosso grupo. Depois de participarmos de outro seminário em Sri Lanka organizamos um encontro nosso do CCFMC de dois dias em Myitkinia e outro de três dias em Rangum. Os participantes regulares dos nossos encontros já manifestaram a vontade de ingressar na OFS. No dia 17 de junho de 2013 estes membros





fizeram sua Primeira Profissão, sendo assim os primeiros integrantes da OFS em Myanmar. São três homens e seis mulheres...” Na última carta IR. Josefina escreve que já encaminhou a tradução das lições para a língua Burmesa, trabalho que já está na metade.

Filipinas

Curso do CCFMC irradia coragem e ação missionária

“Chamados para tomar coragem, enviados para a ação missionária.”

Animados por este lema, 30 membros da OFS e outros Jovens Franciscanos se encontraram em agosto de 2014 para um seminário do CCFMC na província de Samar Oriental. Ainda reinava o choque do Tufão que havia causado tantos estragos. Inspirados no ideal franciscano, os participantes organizaram um socorro nas regiões mais devastadas. Nisto mostraram coragem e espírito missionário. As experiências com as vítimas e com a divina providências que poupou as suas residências, despertou neles a vontade de aprofundar a espiritualidade franciscana. Belinda Inao, do Conselho nacional da OFS, falou do efeito grande que o CCFM teve e pleiteou a difusão do programa nas Filipinas.



O que marcou o encontro foi a participação de crianças e jovens entre 8 e 18 anos, quem vêm fazendo um programa de ação por três anos. Todos os participantes afirmaram que entenderam melhor a missão franciscana pelo estudo das lições de 1 a 9 e 18. A avaliação do encontro foi muito positiva.

Maria Renita F. Fabic, Fé dela Rose OFS, Jeanne Luyun SFIC e Dorothy Ortega SFIC foram as responsáveis pela apresentação das lições.